

Assembleia com a comunidade de CL em Salvador
Sábado, 24 de março de 2012

Colocação: *Fiz um concurso do Estado e fui encaminhada para um hospital público, na emergência, e me pediram para organizar a unidade de cuidados progressivos, então não fiquei diretamente na assistência. A primeira semana foi muito dramática porque eu nunca tinha me deparado com uma realidade como aquela, me parecia uma praça de guerra, e na sexta-feira eu estava apavorada. Saí de lá com aquele incômodo terrível, e aí peguei o texto de lançamento do livro e comecei a ler com avidez porque eu precisava, tinha que encontrar um sentido para aquilo. Dizia: ‘Mas Cristo está aqui? Nessa realidade? Com as pessoas nesse estado? A equipe ignorando a pessoa?’. Saí dali com essa angústia. A leitura do texto e o retiro de Quaresma no sábado me ajudaram muito a me posicionar. Principalmente quando no final do texto o Carrón fala assim: “Isso [a fé] coloca no mundo uma figura de homem irreduzível, que não se contenta com nenhum objetivo ‘intermediário’, com nenhuma cura ou sucesso, sempre correndo, atraído pela Sua presença, e por isso livre ator da história, reconstrutor indomável de casas destruídas”. Essa palavra, para mim, foi cortante. E na segunda-feira eu cheguei lá com um pedido: não que eu tivesse sucesso e conseguisse organizar as coisas, porque não vou conseguir, mas que eu possa, pelo menos, olhar para aquelas pessoas, me aproximar. E trago um pedido no coração: reconhecer Cristo naquela realidade.*

Bracco: Muitas vezes passamos por situações dramáticas, que gritam um sentido que parece não existir, como você passou ali no seu trabalho: uma dor, uma morte, um sofrimento. Quando morreu, num acidente de moto, um dos responsáveis do CLU na Itália, o Carrón, durante uma assembleia com os amigos desse rapaz, respondendo a um dos garotos que tinha esse grito, como você, falou que se lembrava de quando viu o seu pai morto no caixão. Ele pensou, naquele instante, em João e André, em como eles teriam vivido aquela circunstância. E disse: “Quando pensei nisso, comecei a me dar conta do que era o fato da ressurreição de Cristo”. Porque não é que depois de Cristo as pessoas pararam de morrer; continuaram a acontecer coisas feias, continuaram a acontecer terremotos, continua o drama da vida. Então, o que Cristo veio fazer se o mal no mundo continua? Temos que verificar isso, pois senão dizemos “Cristo” em alguns momentos, na Escola de Comunidade, na Igreja, e quando acontece uma prova não conseguimos responder. Carrón está nos ajudando a verificar Cristo dentro dessas coisas, não só onde é fácil, mas também onde está difícil, onde não queremos, onde estamos com medo de olhar. Ele diz que Cristo quer entrar pela porta principal para que eu me dê conta da potência que Ele é, da potência da ressurreição dEle. Para nos ajudar a fazer isso, ele apela para a nossa imaginação. Ele diz: “Imaginem João e André depois de ter vivido com Cristo todos aqueles dias”. Depois de ter visto a Paixão de Cristo, depois de ter traído, depois de ter fugido [eles também fugiam do sangue, não conseguiam aguentar como você e como eu]. Imaginem depois de tudo isso quando O viram na praia, quando O viram de novo! Não era tudo morte, não era tudo dor, isso não era a última palavra. Eles O viram vivo! Vivo, depois de ter passado tudo aquilo. Eles passaram por todas aquelas situações, mas havia um fato que mudava o modo de ver aquela circunstância, que era esse vínculo, que era esse relacionamento com uma pessoa que passou por tudo isso com eles. Então, agora, eu tenho que verificar: para mim, Cristo tem essa potência? Tem essa força? Essa potência da ressurreição é real como foi para eles? Quando Carrón começou a falar isso, eu também comecei a ver esses dramas de outra forma e comecei a pensar: “Como é para mim? Você tem força? Você ressuscitou para mim, para me mostrar que há um sentido que eu não vejo, mas que existe, que Você é esse sentido?”. Eu não sei explicar por que a dor acontece! Mas sei que Ele veio para que eu pudesse viver isso, para que eu não fosse derrotado. Então, acho que o interessante é isso: poder fazer essa verificação e se perguntar: “João e André, como viviam essa situação? A força e a potência da Ressurreição acontecem para mim?” Porque isso me obriga a investigar, a procurar alguém para quem Cristo é vivo. E outra coisa que

falou foi que Cristo, quando estava no Horto das Oliveiras, poderia reclamar com todo mundo, falar contra Caifás, contra Pôncio Pilatos, falar dos apóstolos que dormiam, tinha um monte de coisas, mas Ele não falou nada disso. Ele tinha um vínculo. Aquilo que O sustentava era um vínculo com o Pai. Aquilo que explicava, sem explicar, porque permanecia mistério, era a força desse vínculo. Então, para mim: eu tenho esse vínculo? Para mim, esse vínculo é vivo quando acontece algo que me aperta, que me derrota? Eu não quero responder. Esse é o meu trabalho também. O que estamos fazendo não é responder logo “Cristo”, mas é nos perguntarmos: qual o vínculo que me sustenta? Qual é a força, a potência que Cristo tem? Porque assim você vai poder experimentar mais quem Ele é, assim vai se agarrar mais a Ele.

Colocação: *Com o trabalho de O Senso Religioso comecei me dar conta da minha vida, do meu coração, das minhas exigências, então descobri, em nosso meio, pessoas que faziam um trabalho tão sério quanto eu estava tentando fazer, e percebi o quanto essas pessoas tinham se tornado mais minhas amigas. Nossa amizade cresceu quando levamos a sério esse trabalho. É uma amizade que me satisfaz no nível do coração, e sempre procuro buscar essas pessoas, porque com elas eu tenho, de fato, um lugar onde sou acolhido. A segunda coisa é em casa, sempre pensei: “O que eu posso fazer para ajudar a minha esposa a entrar mais nessa experiência?” Ficava preocupado porque vejo que ela fica mais em casa com os meninos para me deixar mais livre com as atividades do Movimento. Um dia ela começou a me contar como era o trabalho dela na creche, e eu comecei a me surpreender com o quanto a vida dela tinha mudado nesses anos e como ela se envolvia com a realidade da creche, uma coisa que eu não me dava conta. Eu, preocupado em como poder ajudá-la em vez de ter a humildade de olhar para a realidade e aprender esse caminho de mudança. Outro fato foi que na Escola de Comunidade eu penso: “Como posso ajudar as pessoas a crescerem?” Outro dia eu me dava conta de que há uma pessoa que toda vez que eu falava uma frase feita ela me questionava. Então, quando vou para a Escola de Comunidade, começo a pensar numa experiência porque a única forma que eu tenho de escapar das perguntas dela é contando a minha experiência. Assim, comecei a me dar conta de que ela me ajuda. Então, procurando ter paciência, eu aprendi a ser mais humilde.*

Colocação: *O trabalho do ano passado sobre O Senso Religioso ainda reverbera na minha experiência porque o grande problema, como o Carrón vem nos falando, é que nós carregamos uma vertigem e queremos fechar esse desejo, queremos fugir da vertigem tapando com alguma coisa. E essa é a minha tentação. Por exemplo, quando o Otony me chamou para vir aqui eu disse: “Ah, não vai dar porque eu já tenho uma coisa pra fazer nesse final de semana, e eu já sei mais ou menos o que vai acontecer lá, já não tem a empolgação, vou gastar dinheiro...” Mas eu me lembrei da Escola de Comunidade anterior que falava sobre o pertencer. E ele insistiu comigo: “É importante”. Eu fiquei pensando: na minha experiência, a quem eu pertencço verdadeiramente? Quem me faz vibrar? Quem me abre para certas circunstâncias na vida? Quem me faz experimentar a letícia na vida? No fundo, eu tenho que responder a quem eu pertencço. Eu tenho que ser mais aberto diante das coisas. Pertencendo a certos rostos eu espero pertencer ao único rosto que me fez, que é Cristo. Mas para isso eu tenho que respeitar a dinâmica da encarnação, ou seja, eu preciso pertencer objetivamente a certas pessoas porque senão tendo a fechar isso em forma de idolatria, crio o próprio Cristo para mim, crio uma resposta própria, uma resposta que está sempre aquém do meu desejo. A encarnação lhe dá uma proposta concreta que você pode verificar. Não é obedecer automaticamente à proposta, mas levá-la a sério. Isso faz com que eu me surpreenda, como hoje aqui diante de vocês, com os testemunhos dados, que estão além do que eu esperava, além das minhas medidas, além da minha imaginação, que colocaram coisas que me balançaram novamente, fizeram com que aquela ferida que existe dentro de mim se abrisse novamente. Outro fato: hoje eu tenho uma realidade nova. Sou pai, tenho trabalho, tenho que responder dentro de certos âmbitos, dentro de certas circunstâncias ao chamado que Cristo me faz.*

Mas Cristo é tão bom comigo que me dá a realidade da universidade através de outro que está fazendo uma coisa que eu pensei e não consegui fazer. Eu não faço, outro faz, porque a gente não é dono de nada. E graças a Deus, para a minha conversão, tem outro fazendo. E eu procuro não me escandalizar com isso, que outro faça, mas me alegrar porque na comunidade está acontecendo uma coisa grande.

Colocação: *Eu tenho esta certeza: as provocações são para nos orientar para alguma coisa. Nós estamos fixados sobre uma coisa sólida ou sobre algo que qualquer ventania da vida poderia levar? Digo isso porque estou vivendo uma solidez dentro de circunstâncias muito duras. Essa solidez é porque reconheço que qualquer circunstância, positiva ou negativa, é um diálogo com algo mais. Tenho a sensação de que dentro das circunstâncias existe um sólido que me sustenta, porque experimentando circunstâncias difíceis percebo que a coisa mais bonita é olhar tudo com positividade; isto gera uma certeza e não um desespero.*

Colocação: *A gente apresentou há algumas semanas na universidade o “método de estudo” que eu e alguns amigos tínhamos vivido no ano passado e que tinha surgido de uma necessidade, pois eu não conseguia mais estudar e pedi ajuda. Nisso ficava evidente que aquilo que tínhamos vivido no ano passado precisava ser reconquistado, precisávamos de novo fazer o trabalho para que aquilo que era (vivo) no ano passado continuasse. Não é uma coisa acabada. A segunda coisa aconteceu na semana passada depois que eu voltei de Paulo Afonso. Lá eu acabei conversando com duas mães que dividiram comigo a experiência dramática com os filhos (um que é extremamente violento e outro que se droga). Voltei pra casa e me perguntava o que leva alguém, duas pessoas bem mais velhas do que eu, que me conhecem há menos de 4 horas, a dividir coisas tão íntimas comigo. E me lembrei de uma frase de Dom Giussani: “Se depois de encontrar com Cristo, a relação com a sua namorada, a relação com seus pais, com sua irmã, se isso não muda significa que algumas dimensões da sua vida Cristo ainda não toca, algumas coisas ainda são escondidas d’Ele”. Pensei que faço muitas coisas, mas em casa sou um ponto morto. Voltei para casa com uma necessidade não de ser bonzinho, mas me dizendo que é preciso que algo grande aconteça ali dentro, que a mesma intensidade de relações que eu tenho lá fora possa acontecer ali. Mas eu me dou conta que esse trabalho não é uma coisa espontânea, gasta um suor, mas como é bonito ver que dentro disso também eu sou construído.*

Bracco: *No texto “Cristo é algo que me acontece agora”, no final do último trecho, Carrón fala assim: No coração do cêntuplo experimentado, domina o aprofundar-se do relacionamento com Cristo: uma familiaridade, uma tensão para afirmá-Lo, uma facilidade para reconhecê-Lo (“Mas, é o Senhor!”, dizia São João). A mudança mais profunda é a fé mesma. No encontro contínuo e cotidiano com a Sua presença real encontra resposta e, ao mesmo tempo, se exalta e se amplifica a nossa pergunta (...). Esse é o Mistério que há dentro. Esse é o gosto que temos que verificar se acontece, se está acontecendo, se continua a acontecer. A cada dia deve ser o encontro de uma resposta, mas ao mesmo tempo se exalta e se amplifica a nossa pergunta, a nossa sede infinita e, portanto, se torna mais fácil, num certo sentido mais “inevitável”, o reconhecê-Lo como o único capaz de responder. Somente assim pode ser finalmente vencida a distância entre o coração e Cristo. Porque nós, depois de um tempo podemos ser como os nove leprosos, como se tivéssemos encontrado uma resposta, mas decaí se a gente não faz mais essa experiência, a experiência de que a minha pergunta é amplificada, de que tenho mais sede ainda. É como acontece com a pessoa que você ama, que você percebe que é outra coisa se ela continua a despertar aquela sede, que se amplifica, se torna espera, mistério, aquela coisa que nunca fecha. Então, o desafio de todos os dias é verificar isto: se cada dia você não se contenta, você busca verificar se também a sede se amplifica. Não é só uma resposta, mas se a nossa pergunta se exalta e se amplifica. Também para nós é necessário que sempre aconteça algo novo, que aconteça alguém – como o décimo leproso –*

que é alguém comovido de novo, para quem não basta estar junto, para quem é preciso algo mais, é preciso que aconteça algo que eu não esperava, e assim se torna uma superabundância. Se você percebe que na sua vida, de alguma forma, está indo tudo bem, mas não tem essa superabundância você tem que fazer alguma coisa, porque senão não vai bastar. Que Cristo seja só uma resposta, não basta. Mas que seja a *única* resposta, que amplifica de novo a sede, como aquele décimo leproso que precisava voltar para olhar pra Ele, para agradecer a Ele. A superabundância me dá o desejo de procurar o presente mais bonito para você. Que a minha vida seja esse presente para você. Quando foi a última vez que me aconteceu isso? Senão Cristo será uma coisa entre as outras. Eu preciso ver pessoas, como hoje está acontecendo, que me mostrem isso, que a vida se torne desejo de agradecer a Ele por algo que está acontecendo agora. Não é só buscar que o Movimento vá em frente, que a minha vida se acerte, que me expliquem o mistério. Não! Eu não quero só que me expliquem o mistério. Eu quero agradá-Lo com minha vida. Que Ele seja tão presente que mova a minha afeição, que eu possa agradecer a Ele.

Colocação: *Nestes dias, eu pensava que uma coisa que para mim era óbvia era a fé. Ao invés, descobri depois de algumas palavras que você retomou que a fé é um dom que pertence a Cristo e por isso me acompanha muito este pedido: “Torna viva em mim, Cristo, a capacidade de reconhecer e de abraçar”. E esse pedido me ajudou a ter sempre desejo dEle. Antes, a amizade me satisfazia, mas entendo que não me satisfaz, mesmo uma grande amizade, mas me satisfaz porque ele é o sinal de como Cristo age, de como Cristo é vivo. E isso me permite a solidez diante de certas derrotas pessoais, me deixa livre. Outra coisa: Quando eu me afasto de Cristo? Quando começo a não amar a minha vida e o meu destino, porque as nossas inquietudes, os limites, as circunstâncias, são o que me ajudam a olhar mais para Ele.*

Colocação: *Domingo passado meu pai fez dois meses de falecido, e tudo o que foi dito no retiro e colocado agora sobre não amar a minha vida e me distanciar de Cristo, me fez lembrar o que eu estava passando, que era justamente me afogar na dinâmica do meu dia-a-dia, fazendo uma apologia do cansaço, uma apologia do limite, era uma apologia do fracasso. Relembrando a morte do meu pai, fica claro que acima de toda a dor, acima de todo sofrimento, acima de tudo o que eu vi naquele tempo em que ele ficou no hospital, fica claro que o amor de Cristo por ele e por mim foi maior do que o meu próprio amor, do que a minha própria dor, do que a minha própria angústia naqueles dias. E esse amor de Cristo levou o meu pai com certeza para o seu lado, e esse amor de Cristo por mim é maior do que todos os meus limites. E os rostos que estão aqui, os rostos que fazem parte da minha história me fazem lembrar claramente disso.*

Bracco: Isso que você fala para mim também é uma experiência muito forte, que é essa apologia do fracasso. Muitas vezes, a nossa fragilidade, o nosso limite se tornam quase como uma barreira, quase gostamos que exista isso. É impressionante porque quando isso acontece é uma posição. Uma vez disseram para Dom Giussani: “Que coragem você tem, que coragem você teve pelo seu sim, diante dos seus limites, dos nossos, que coragem!” E ele respondeu: “Mas que coragem que nada! É preciso o maravilhamento!” E Carrón comentava que temos sempre a tentação de partir do senso religioso, como se tivéssemos que construir essa ponte com toda a nossa coragem, como um esforço... e isso se torna a nossa barreira, tanto que se eu não tenho essa coragem, então fico tranquilo. Ao invés, ele diz: o nosso problema é se acontece um maravilhamento. Não é a coragem, mas é o maravilhamento que te muda, te desperta. Eu preciso ouvir vocês, porque preciso me maravilhar de novo, preciso ser simples, ser humilde, estar aqui como o último que chega e não como aquele que sabe tudo senão não é possível me maravilhar. Não sou eu que decido quando acontece, mas eu posso pedir para estar sempre aberto, sempre atento ao outro, aos meus amigos que vivem assim, os que mais me ajudam a ser simples, a ser pobre e assim se torna mais fácil me maravilhar. E não é mais questão de coragem. Vou atrás de quem se maravilha.

Cleuza: Em São Paulo fazemos um trabalho com a comunidade e começamos como os grandes movimentos que surgiram lá em 1985. Um grupo que luta por saúde, luta pela construção de um hospital, e quando acaba o hospital acaba o movimento. Então, lutamos por um grupo de famílias para ter casa, e quando fazem as casas o movimento deveria acabar. Mas com a Associação não aconteceu isso. Nosso movimento chama-se Associação dos Trabalhadores Sem Terra de São Paulo, que é diferente dos Sem Terra rural. Quando conseguimos a terra para fazer as casas, precisava da infraestrutura, depois fazer a rua, levar água para aquele bairro, levar a escola, e assim a Associação não é a Associação dos Sem Terra, mas é a associação que responde à realidade. Isso eu só soube quando encontramos o Movimento de CL trinta anos depois. No ano passado aconteceu um fato novo: uma comunidade que ajudamos a construir tem uma escola do Governo dentro do bairro, e um grupo de mães me procurou porque essa escola não tem professor e tem aulas vagas. Aí fomos atrás e descobrimos que uma grande porcentagem dos professores da rede estadual está de licença médica... Então coloquei uma pessoa nossa dentro da escola e fizemos um relatório mostrando que não tem metade das aulas, e o diretor falava que iria repor no final do ano. Mas nas férias a nossa escola foi a primeira que fechou e a última que abriu. E como os meninos passaram se não houve um dia de aula de geografia? O diretor me falou: “Fizemos uma média e demos nota pra todo mundo”. Nota sem ter aula? Na Associação temos convênio com algumas faculdades para oferecer bolsas de estudo. Tem um menino nosso que está numa classe de engenheiros, e dos 40 que entraram, sobraram 12 porque os outros não conseguiram acompanhar o curso. E eu fiquei com tudo isso na cabeça, e aí eu comecei a ter esse sentimento: “Mas, puxa vida, mas nada dá certo! Os professores não dão aula, o diretor é conivente com isso, ninguém resolve, nada funciona, está tudo acabado...”. Fiquei muito chateada, muito triste, pensando que nada vale a pena. No último encontro que tive com o Carrón fui conversar uma coisa com ele e eu disse que o Movimento tinha que tomar uma atitude... e ele respondeu: “Cleuza, para eu tomar uma atitude eu tenho que ter todas as informações”. E eu botei isso na cabeça: aquilo que o Carrón falou num outro caso serve para essa situação... Decidi levar o caso para as autoridades. Marquei uma reunião e levei as informações e o resultado foi que a nossa escola virou uma escola modelo. Começou uma intervenção direta da Secretaria de Educação, mudou o diretor, mudou o vice, mudou todo mundo. Mas eu ainda não estou contente, porque eu não estou lutando só pela nossa escola, mas por todas as escolas da região. Então, ouvindo a Arlete falar, eu pensei assim, ela é da área da saúde, a coisa mais comum que tem na saúde, ainda mais numa emergência, é gente que está sem braço, toda ensanguentada, os médicos não dão conta, nem as enfermeiras. Mas por que você está envolvida? É aquilo que o Carrón ensina: é um tu comovido. É um tu comovido que te faz olhar para o doente, é o mesmo tu comovido que eu aprendi no Movimento que me faz olhar para as crianças que não têm futuro nenhum, porque não vão conseguir ir para a universidade. E eu poderia dizer: “A vida é assim mesmo, o mundo é assim mesmo”. Mas tem um tu que grita dentro de mim e que tem uma sede de justiça, que está do lado da verdade. Então, eu não tenho medo de me colocar, porque eu não tenho nada para defender. A única coisa que eu tenho para defender é o que eu encontrei dentro do Movimento, é esse tu comovido, é uma coisa que me move, é uma coisa que me lança nas coisas, é um tu que não me deixa calada por nenhum momento. Ninguém se comove tanto com um problema que não é seu se não tem essa presença, e só dentro do Movimento podemos experimentar a beleza dessa presença. Então, eu quero agradecer a cada um de vocês que me ajudam nesse caminho, me ajudam a me comover todos os dias, porque sozinha eu nunca poderia chegar a isso. Se não tivéssemos uma presença, uma companhia, nós seríamos mais um desses céticos, que não se incomodam com nada, que nada mais comove. “A vida é assim mesmo, os doentes estão aí, não tem jeito; a escola ruim está aí, e nada tem jeito”. E graças a Deus, a gente tem uma esperança, que foi a Ressurreição de Cristo e é nisso que acreditamos, não só no discurso, mas na prática.

Colocação: *Fiquei curioso para saber o contexto que você citou dos professores da rede pública, porque sabemos que a situação do professor no país todo não é fácil. Temos que construir um país em cima de uma situação em que o professor é mal pago, o policial é mal pago, e ficamos dependendo de uma situação como essa.*

Cleuza: Quero pedir desculpas porque toda regra tem exceção. Não podemos dizer que é tudo igual. Mas que 60% de uma classe está de licença médica é porque tem alguma coisa. E aquilo que eu aprendi dentro da minha realidade é que o salário é uma coisa e o trabalho que fazemos é outra. O trabalho do professor é uma vocação e acho que os alunos não podem ser prejudicados pelo salário baixo. Eu não concordo com isso nunca, porque se eu trabalho numa empresa e o salário não é bom, o que eu faço? Vou embora, não é isso? Eu respeito muito os professores porque eu conheço muitos bons professores, conheço pessoas que dão a vida pela sala de aula, mas eu não concordo que se vincule: eu dou uma aula má ou eu vou pedir licença porque meu salário é baixo. E aí as crianças ficam desmotivadas... Com isso eu não concordo. E eu acho que a questão dos professores é muito mais ampla. Pois muitos professores, que eu conheço, estão de licença médica, mas trabalham na rede particular, porque se aproveitam da lei que beneficia o funcionário público. Então, isso tudo é uma busca de cada ser humano, e as pessoas não estão contentes. Eu acredito que um professor que faz isso não está contente. E eu também não estou contente com o salário do professor, e eu não estou contente com o salário de ninguém. Acredito que o cara que varre a rua também não está contente com o salário, o médico não está contente com o salário. Mas eu não posso matar o sonho de uma criança porque o salário está ruim.

Bracco: O que sempre me impressiona na Cleuza e no Marcos é exatamente a descrição do que estávamos falando. Não precisa ter coragem, precisa do maravilhamento. As pessoas querem encontrá-los, é um contágio. Todas as associações com o tempo morreram, a única que ficou e cresce é a deles. Mas por quê? Porque aconteceu um olhar que deu início a um contágio. Não foi uma coragem de querer mudar São Paulo. Talvez tenha começado assim, mas depois, eles dizem, cansaram. Aquilo que marca é essa comoção. Isto me mostra o que eu quero ser, o que eu desejo, o que eu peço para a minha vida, que essa força da ressurreição seja a ressurreição mesmo. Cristo é alguém que vive, mas esteve morto, por isso é tão potente. Alguém vivo, que morreu, que quis viver tudo aquilo que eu vivo como uma derrota, uma falta, como um medo do futuro, tudo isso Ele quis viver para vencer para mim. Esta é a solução para a minha vida, porque eu experimentei. É um eu assim que começa a construir as casas destruídas, que precisa desse acontecimento sempre novo. Não sou eu que faço, mas um sim todo dia eu posso dizer, ou não? Por isso eu preciso de outro que me desperte. A força de algo que está acontecendo precisa da minha liberdade. Ela disse que a fala do Carrón depois se torna um trabalho, se torna acontecimento, não é só uma palavra. Se hoje falamos alguma coisa que não foi só a inspiração genial das nossas cabeças, foi o Mistério, foi Cristo que disse. Se aconteceu e falamos alguma coisa que marcou você, depende de você que isso se torne uma vida. Cristo se torna alguém que te apaixona assim. Uma palavra que escutei não é só uma palavra genial de Carrón, é Cristo que me falou e me agarrou. Cristo te pega nessas coisas, te arrasta, te agarra e te torna um construtor de casas destruídas.

(Anotações não revistas pelos autores)